



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. Os arquétipos e o corpo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

## OS ARQUÉTIPOS E O CORPO

**Renato Nascimento de Miranda**

### RESUMO

Arquétipos, como conceito proposto por Jung, são uma forma especial de instinto presente no ser humano, compondo as bases da psique em um nível biológico, objetivo e coletivo. Padrões de comportamento complexos e universais, manifestando-se em todas as culturas, em todos os lugares e em toda a história humana. Em função de seu caráter biológico os arquétipos devem se relacionar intimamente com o nossos corpos.

O objetivo do presente trabalho é apresentar, com base nas teorias funcionais desenvolvidas por Reich e em modernos estudos de neurociência sobre a relação mente-corpo, uma visão atual sobre os arquétipos, suas relações, representações e mecanismos de manifestação no corpo, bem como sua relevância para a clínica.

**Palavras-chave:** Arquétipos. Corpo. Jung. Neurociência. Orgonomia.

---

É sempre um dilema tentar criar pontes entre as ideias de Reich e Jung. Autores complexos e brilhantes, mas que apesar de terem partilhado uma base comum, a psicanálise, seguiram cada um por seu caminho. Caminhos estes tão diferentes entre si, quanto da base psicanalítica, o que os levou a cortar os vínculos com Freud e sua disciplina. Cada um parte de visões de mundo, pressupostos e epistemologias bastante diferentes. Reich com seu funcionalismo orgonômico, derivado e evoluído do materialismo dialético marxista, buscou romper com qualquer viés mecanicista ou místico, indo atrás do mais básico das funções vitais presente em toda forma de vida e até no espaço. Jung, com sua formação filosófica e mitológica, tendo quase seguido a carreira de arqueólogo, partiu para um empirismo fenomenológico, formulando um método sintético de ampliação de conteúdos, a fim de explorar o máximo de manifestações humanas possíveis antes de derivar seus fatores comuns. Um descobriu a orgone, o outro os arquétipos, elementos fundamentalmente opostos, que chegaram a valer algumas críticas de Reich a Jung. Embora não tenha achado uma crítica de Jung diretamente a Reich, pode-se especular de suas críticas a Freud como ele trataria alguns dos pressupostos reichianos.

Ainda assim, ambos tiveram coragem de olhar para o ser humano de forma profunda e científica, desafiando preconceitos e muitas, mas muitas críticas. E por terem se debruçado sobre o mesmo material, ambos teriam de olhar para as mesmas coisas, o que nos permite buscar as pontes entre esses dois autores e ampliar nossos conhecimentos sobre o ser humano e sua psicologia.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. Os arquétipos e o corpo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Nesta empreitada recorro ao auxílio de Damásio, neurocientista cujo trabalho foca tanto na consciência quanto nas emoções, para iluminar as pontes possíveis entre ambos a partir dos conhecimentos atuais de neurologia e do próprio corpo.

### A Psique e o Corpo

Desde que Freud rompeu as barreiras da consciência, a psique humana se abriu em um vasto e inexplorado mundo novo a ser conhecido. Embora suas formas e contornos, seus fenômenos e funcionamentos ainda sejam pauta de discussões, conflitos e contradições, muitas são as correntes que reconhecem sua porção inconsciente.

Jung foi um dos que mais se aprofundou na exploração do inconsciente e da alma humana. Rompendo com as concepções freudianas de um inconsciente composto apenas por material sexual recalçado e reprimido, Jung avançou em direção às imagens primordiais do inconsciente coletivo e à função simbólica organizadora da psique (JUNG, 2011a). Ao contrário do que muitos pensam ainda hoje, seu conceito de inconsciente coletivo não é uma ideia mística de mente compartilhada em tempo real, ou algo do gênero, mas diz respeito às bases biológicas comuns da humanidade, o que veremos melhor mais a frente. Jung também falou de conteúdos psicoides na psique, que corresponderiam a percepções subliminares de eventos externos e internos, tão mínimos que jamais chegariam à consciência, independente de mecanismos de defesa ou repressões (JUNG, 2011a). Assim a psique junguiana se apresenta como uma miríade de imagens, representações e símbolos de processos internos e externos. Memórias, pensamentos e afetos combinam-se formando paisagens, personagens, deuses e demônios, mitos e contos, toda uma realidade cuja função é representar o self interno e o mundo externo, intermediando a relação entre ambos.

Já para Reich, a noção de mente acaba por voltar-se mais à esfera psicanalítica, mas com um importante adendo, a importância da energia biológica e sua visão funcionalista (REICH, 2014). Aqui a mente se torna um sistema direto de representação das sensações do corpo. Fisiologia e psiquismo correm em paralelo, cada qual com suas leis, mas igualmente indissociados, devido ao seu ordenamento energético anterior. O fluxo da energia no corpo é percebido como sensações que podem ser prazerosas ou desprazerosas, mas que serão sentidas em locais e de formas diferentes. Esse mesmo fluxo energético na mente, de acordo com sua tonalidade de prazer/desprazer, será representado simbolicamente de acordo com as aquisições simbólicas, históricas e culturais, daquela psique. Por exemplo, uma bloqueio energético num braço tenso e entumecido, causador de desconforto, pode ser representado



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. Os arquétipos e o corpo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

mentalmente como uma faixa a amarra-lo, ou a mão vigorosa de um pai austero a lhe apertar na infância.

Embora de proporções épicas, a visão junguiana ganha certo correlato com a visão de Damásio quando comparamos suas essências. Igualmente, a visão reichiana também ganha seu respaldo diante da definição que Damásio traz da mente humana, ancorando-a profundamente em nossos corpos e no ambiente que nos cerca.

Ele (DAMÁSIO, 2011) define os neurônios como células especiais, cuja função é tanto saber o que acontece com as outras células do corpo, como mudar seus comportamentos diante de seus disparos elétricos. Para o autor, o contínuo mapeamento do corpo e das impressões que este colhe ao interagir com o meio, gera imagens constantes desse corpo no cérebro, o termo imagens não se referindo unicamente visão, mas também à informação auditiva, sensorial, de movimento etc. O conjunto dessas imagens seria a mente. No entanto, nosso cérebro e organismo, complexos como são, gerariam mais imagens do que o possível de ser armazenado, daí a estratégia de armazenar disposições, como chaves que codificam e decodificam esses mapas:

"... os córtices sensoriais iniciais estão continuamente construindo mapas sobre o ambiente do momento e não têm recursos para armazenar os mapas descartados. Mas em um cérebro como o nosso, graças às conexões recíprocas entre o espaço cerebral onde são produzidos os mapas e o espaço dispositivo, é possível registrar mapas de forma dispositiva. Nesse tipo de cérebro, as disposições são também um mecanismo poupador de espaço para a armazenagem de informações. Finalmente, as disposições podem ser usadas para reconstituir os mapas nos córtices sensoriais iniciais, no mesmo formato em que as informações do mapa foram vivenciadas pela primeira vez."  
(DAMÁSIO, 2011, p. 178, 179)

Essa estratégia será abordada novamente depois, mas daí já temos os processos de representação simbólica mental explicados, ao invés de um registro fidedigno de todos os objetos e sensações do organismo.

Como se pode ver, seja pela via orgonômica, pela via neurológica, ou pela psicologia profunda simbólica, não é possível separar a psique do corpo que ela habita.

Arquétipos



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. Os arquétipos e o corpo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Arquétipos são um conceito desenvolvido por Jung (2011d) a partir de suas experiências de análise comparada de mitologias, contos de fada, alquimia medieval e também do material colido de sonhos de pacientes, conhecidos e até seus, além de delírios e outras manifestações psíquicas com as quais entrou em contato ao longo da vida. Percebendo a base comum entre muitas dessas manifestações e a repetição de temas, mesmo entre culturas que nunca puderam entrar em contato umas com as outras, ou de pessoas que nunca poderia ter tido acesso àquele material, Jung postulou a existência de um substrato comum à toda a psique humana, um tipo de instinto humano especial que daria base à psique, guiando padrões de percepções e de comportamentos.

Um dos principais pontos de separação entre Freud e Jung se deu em função da visão de cada um sobre a natureza da energia psíquica, a libido. Para Freud, a natureza da libido seria sexual e a sexualidade seria a força motriz de todo comportamento e manifestação humana, seja diretamente ou a partir de suas repressões e sublimações, mas em última instância, produções artísticas, religiões, governos e instituições seria derivados dos dramas do complexo edípico vivido por todos em suas infâncias. Para Jung, por outro lado, a libido seria apenas energia psíquica, sofrendo diversas transformações, vivificando cada um e a todos os instintos em seus movimentos, assim as produções humanas não seriam apenas de natureza sexual, mas também encontrariam suas motivações em seus instintos de fome, de agressividade, instintos gregários, produtivos e mesmo simbólico espirituais, a busca de sentido do ser humano. Na visão junguiana, uma vez que toda religião, ou mitologia busca também explicar o mundo e sua criação, esse impulso de conhecimento, de compreensão inata da humanidade também seria um instinto e a disposição com a qual os fenômenos da vida e da natureza são compreendidos, vividos e explicados os arquétipos.

Este é um ponto de diferença fundamental e aparentemente irreconciliável entre Reich e Jung. Reich não apenas assumiu a visão psicanalítica da sexualidade como a força básica motriz da psique, como a extrapolou, tomando a sexualidade como um processo anterior à própria psique, presente desde o início da vida, portanto uma energia biológica, levando-o posteriormente à Orgonomia e ao Orgone Cósmico (REICH, 2003).

No entanto, para caminharmos a uma forma de avançar sobre essa antítese rumo a uma síntese possível, é importante pontuar que as bases epistemológicas do funcionalismo orgonômico reichiano (REICH, 2014) são orientadas a buscar o princípio causador de uma dualidade dicotômica de forma regressiva, sem negar contudo as ramificações procedentes dele. Ainda que todos os organismos complexos de hoje tenham evoluído do mesmo organismo unicelular primordial (ou pai primordial) e com ele compartilhe a mesma base



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. Os arquétipos e o corpo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

fundamental de comportamento (o pulsar da contração/angústia expansão/prazer), cada novo avanço evolutivo soma camadas que se sedimentam, distinguem uma espécie de outra, adicionando necessidades, comportamentos e impulsos absolutamente primordiais àquela espécie. Ou seja, a compreensão profunda de uma espécie depende não apenas de uma compreensão geral do funcionamento da vida, mas também das características que a distinguem das outras espécies. Compreender o movimento como uma função da vida nos permite entender que esse mecanismo se repete de alguma forma em todos os seres vivos, mas para entender como uma andorinha voa, é preciso estudar sua fisiologia própria, ao que o rastejar de uma minhoca não auxiliaria em muito, ainda que ambos sejam deslocamentos e até se possa traçar eventuais paralelos.

Ainda que a psique circunscreva-se no domínio da vida e por ela esteja compelida a seguir suas leis básicas, é também verdade que a psique humana ganhou ao longo do processo evolutivo uma complexidade própria que lhe atribui características e mecanismos únicos que reclamam pra si um status fundamental e diferenciador da humanidade enquanto espécie. Para Jung esses seriam os arquétipos, as novas bases biológicas nas quais a psique de nossa espécie seria organizada. Elas não surgiriam do nada, mas da própria complexidade evolutiva da vida. A grosso modo, seria como se Reich estivesse buscando a semente que dá origem à árvore e como isso ocorre, enquanto Jung olhasse o padrão do tronco, galhos e folhas nessa questão.

Ao contrário de outras espécies como o João de Barro, ou a Viúva Negra, que tem formas pré estabelecidas de fazerem ninhos ou de acasalamento, os arquétipos não tem seu conteúdo fixo, apenas a "forma", ele fornece os moldes que serão preenchidos e desenvolvidos pelas culturas, como por exemplo o mito do herói solar em seu ciclo de morte e renascimento. Em algumas culturas é o próprio sol que morre e renasce, participando da cosmogonia\* daquele povo, outras vezes é um herói que deve descer até os mundos inferiores, seja sob a terra, o mundo dos mortos, ou ser engolido por algum monstro submarino, para depois voltar iluminado de sabedoria e poder à superfície, criando inclusive um paralelo entre a psique e o próprio sol (2011f) Este fenômeno se daria pela identificação entre a psique e seu meio, que nunca é vivido inteiramente de forma objetiva, mas sempre tomado pelas tonalidades do que provoca no indivíduo. Projetando sua psique no mundo, dramatizamos e compreendemos as estações do ano, os movimentos solares e lunares, migrações de espécies etc, da mesma forma que nossa psique se amplia e desenvolve pela introversão desses mesmos dramas percebidos no mundo (JUNG, 2011d).



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. Os arquétipos e o corpo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

### Arquétipos no Corpo e o Corpo Arquétipico

Em se tratando de um instinto, não pode haver um impulso biológico que desconsidere o próprio corpo e que não esteja profundamente conectado com suas necessidades e capacidades. O instinto migratório de certas aves só pode existir em função de sua fisiologia e sua capacidade de locomoção compatível. Ainda que se possa argumentar que os instintos migratórios possam ter guiado a evolução de certos aspectos da fisiologia das espécies, como comprimento das asas, densidade óssea, tamanho do estômago e forma de alimentação etc, ainda haveria uma identidade entre o corpo e seus instintos. Portanto, se há arquétipos na psique humana, necessariamente deve existir uma correspondência entre eles e nosso corpo, mesmo que de forma simbólica.

Para avançar sobre esse ponto retornamos aos achados em neurociência trazidos por Damásio (2011). Relacionando a mente e a atividade neurológica ao constante mapeamento do corpo e suas interações com o meio, enquanto estuda sobre o Self e a produção de consciência, certos aspectos da memória também são trazidos à tona. O autor constrói então sua resposta a cerca da interação entre circuitos de imagens/mapas e circuitos dispositivos. Sobre eles, Damásio diz:

"Em suma, o espaço de imagem é o espaço onde podem ocorrer imagens explícitas de todos os tipos sensoriais, tanto as que se tornam conscientes como as que permanecem inconscientes. O espaço de imagem está localizado no cérebro produtor de mapas, o vasto território formado pelo agregado de todos os córtices sensoriais iniciais [*early sensory cortices*], ou seja, as regiões do córtex cerebral situadas no ponto de entrada dos sinais sensitivos dos tipos visual, auditivo e outros e em áreas próximas. Também inclui os territórios do núcleo do trato solitário, do núcleo parabraquial e dos colículos superiores, que são dotados de capacidade para criar imagens.

O espaço dispositivo é onde as disposições mantêm a base de conhecimento e os mecanismos para a reconstituição desse conhecimento na evocação. É a fonte das imagens no processo de imaginação e raciocínio, e também é usado para gerar movimento. Situa-se nos córtices cerebrais que não são ocupados pelo espaço de imagem (os córtices de ordem superior e partes dos córtices límbicas) e em numerosos núcleos subcorticais. Quando os circuitos dispositivos são ativados, sinalizam a outros circuitos e causam a geração de imagens ou ações." (DAMÁSIO, 2011, p. 180, 181, 182)





## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. Os arquétipos e o corpo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

E logo ele completa a cerca dos circuitos e funções dispositivas:

"Nossas memórias das coisas, de propriedades das coisas, de pessoas e lugares, de eventos e relações, de habilidades, de processos de gestão da vida - em suma, todas as nossas memórias, herdadas da evolução e disponíveis já quando nascemos ou adquiridas depois pelo aprendizado - existem no cérebro sob a forma dispositiva, aguardando para tornar-se imagens explícitas ou ações. Nossa base de conhecimento é implícita, codificada e inconsciente. Disposições não são palavras; são registros abstratos de potencialidades. A base para a produção de palavras ou sinais também existe sob a forma dispositiva antes que ganhem vida como imagens e ações, como na produção da fala ou na linguagem de sinais..." (DAMÁSIO, 2011, p. 182, 183)

Como se vê a partir dessas descrições, as bases neurológicas para a existência dos arquétipos podem ser vistas. Igualmente, por essa construção temos os arquétipos profundamente ancorados no corpo.

Retomando os mitos dos heróis solares e do sol, temos aqui uma identificação da psique que ao despertar se ilumina com a consciência, cada vez mais aguçada ao longo do dia até atingir seu ápice, para depois ir lentamente se enfraquecendo em exaustão, até morrer no mar do inconsciente do sono noturno, para renascer novamente no dia seguinte. Os mitos lunares, a noite cheia de monstros e feitiços, em identificação a esta frágil luz que nos banha nos sonhos, sem ser exatamente consciência, embora as vezes a alcance, tal qual a lua cheia imita o sol (JUNG, 2011d)

Deuses paternos alçados aos céus, comandando raios e trovões a rachar a terra, representando o estado superior da consciência moral que quando se manifesta parece olhar tudo de cima em julgamento, mas também o princípio fecundador masculino, que pode semear a vida, mas não a gesta. Deusas maternais relacionadas à terra ou às águas, representando tanto o aspecto gerador da vida do feminino, quanto seu poder avassalador sobre a consciência que, em estado regressivo, deseja voltar ao útero materno, ser engolido pelo dragão ou baleia abissal, ou adentrar a caverna do reino dos mortos para de lá renascer renovado. Deuses responsáveis por cada emoção, por cada virtude e por cada aspecto da vida que nos afeta.

Os mitos de morte e renascimento, presentes mesmo no cristianismo, mas remontando à antiguidade remota de Dionísio, ou Osíris, por sua vez, já algo depurados de Tiamat, ou Ymir.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. Os arquétipos e o corpo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

O tema do desmembramento e reunião das partes do corpo às vezes serve à criação do mundo, às vezes se restringe ao símbolo de um deus/atitude. Ou se espiritualiza, partindo-se o corpo simbólico de Cristo na missa (JUNG, 2011e), ou na alegoria do casamento alquímico (JUNG, 2011c) em que o noivo rei velho é despedaçado, posto no vaso/útero de sua noiva mãe e depois da "obra alquímica", renasce como príncipe jovem para desposa-la. Todos representações dos processos de maturação psíquicos e fisiológicos pelos quais passamos ao longo da vida, passando do estado de consciência fragmentado da infância e adolescência para uma consciência mais determinada na fase adulta, e posteriormente na velhice, a metanoia que impulsiona o processo de individuação, na passagem da consciência para o self. Mas também na progressiva construção da coordenação motora, passando da motilidade à mobilidade voluntária.

Obaluaê, ou Omolu, orixá das doenças e da cura é em si um orixá doente e ferido, tal o centauro grego Quiron, manifestações do arquétipo do curador ferido e de como nossas dores são veículos para nossa empatia e identificação com o outro. Curar-se é achar formas de curar o outro, e curar o outro muitas vezes é uma forma de se curar.

Quantos mitos sazonais sobre a passagem do inverno à primavera, onde uma donzela ou princesa dorme magicamente para enfim despertar, dramatizam a maturação sexual do corpo que marca suas estações com sangue, como se fora atacado por lobos, tiranos ou madrastas.

Infelizmente não tenho mais posse de um livro que traçava um paralelo belíssimo e profundo entre a Gênese bíblica e um parto da perspectiva do bebê que nasce.

Sobre as manifestações do corpo arquetípico, recorro também como exemplo à obra de Richard Sennett (2008) filósofo e urbanista, que explora a relação entre ideais de corpo e arquitetura. Graças a sua obra nos é escancarado o quanto nossos corpos são projetados no mundo. Pois nossas cidades, mais do que florestas de asfalto e metal, são corpos, com suas avenidas arteriais e ruas venais. Foi literalmente o florescer do conhecimento anatômico de nossos corpos que forjou as cidades que temos hoje e nosso horror ao tráfego. Uma vez que um corpo saudável deveria ter uma boa circulação interna, este ideal também foi levado para as cidades. Também falamos abertamente em ambientes saudáveis e tóxicos ao nos referirmos a espaços públicos.

A manifestação de um arquétipo sempre é acompanhado de alterações psicofisiológicas no organismo, começando pelo aumento no fluxo de energia. Pessoas constelando um arquétipo podem tolerar altos níveis de dor e desconforto, mantendo-se em concentração por períodos longuíssimos, como demonstrado em transe de ritos religiosos, ou mesmo tarefas de alta exigência, como cirurgias, performances artísticas, ou as obras alquímicas antigamente:





## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. Os arquétipos e o corpo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

"Isto não é tão natural assim, pois psicologicamente a energia de um arquétipo não está à disposição do consciente. Por isto também as formas do amor humano com razão não são consideradas como "espirituais" e muito menos "divinas". A energia do arquétipo só se transmite ao eu humano quando este é influenciado ou dominado por uma ação autônoma do arquétipo. Desta experiência psicológica deveríamos concluir que o homem que exerce um amor espiritual esteja inteiramente dominado pelo mesmo através de um *donum gratiae*, pois dificilmente ele poderia por seus próprios meios usurpar uma ação divina como é o amor". (JUNG, 2011f. p. 88, 89)

Mas também podem comportar-se como verdadeiro bando de psicopatas, o bárbaro Wotan, constelado pelos nazistas (JUNG, 2011b). Podem restaurar milagrosamente a saúde de alguém, ou dinamitar a consciência trazendo um estado psicótico de possessão pelo inconsciente. Como um padrão de comportamento, é natural que a manifestação de um arquétipo leve a pessoa a mudar completamente suas ações, com todo o impacto fisiológico correspondente, não à toa, estados assim eram considerados possessões pelos deuses, fossem estes infernais ou celestiais, luxuriosos ou castos, irascíveis ou benevolentes.

Tais transformações vividas no corpo são de tal intensidade que muitas vezes são acompanhadas das imagens de metamorfoses drásticas, em animais tais quais cisnes, águias e corujas, lobos, tigres e leões, peixes, répteis e serpentes, bem como bestas mágicas como dragões ou lobisomens, espíritos e até formas da natureza, como tornar-se sol, estrela, fogo, água, sombras etc. Assim a própria metamorfose tão presente em mitos, lendas e contos, mas igualmente em sonhos e devaneios, também se configura um arquétipo fruto dos processos de identificação da psique com a natureza e com as sensações de mudanças corporais, as vezes em decorrência dos próprios arquétipos.

### Considerações Finais

Como apontado anteriormente não é fácil relacionar as visões de Jung com as de Reich. Reich falou da Peste e de seus efeitos nas pessoas, individual e coletivamente, mas a relacionou à couraça, tornando-a um infeliz acidente civilizatório a ser superado no futuro, enquanto Jung falou de Wotan e do mal arquetípico que habita a psique como um todo, fazendo dele uma realidade sempre presente da natureza humana. Duas concepções tão diferentes para o mesmo problema da contaminação psíquica e da destrutividade humana.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. Os arquétipos e o corpo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Negando a existência natural intrínseca dos arquétipos, Reich deu esperanças à humanidade de que um dia a felicidade e a satisfação com a vida sejam plenamente alcançadas, mas com isso acabou fazendo da couraça sua ferrenha inimiga, um fenômeno quase divino em suas capacidades de boicotar a felicidade humana. Já Jung colocou uma Espada de Dâmoles sobre as cabeças de toda a humanidade ao trazer a origem do mal para dentro do ser humano e atribuir-lhe tamanho poder vital, fazendo do processo de autoconhecimento e individuação, uma obrigação ética individual e coletiva, sobrecarregando a consciência com pesadíssima tarefa.

Independente da via, o cuidado ao corpo permanece de vital importância. As negligências, repressões e desvalorizações às quais submetemos nossos corpos, apenas contribuem para o mal do mundo. Não dar valor a nosso corpo é desprezar todos os corpos de humanos e outras espécies. É reduzir o valor da vida e abrir as portas para o mal, seja Satan, Apófis, ou a Peste. E com todas as revoluções tecnológicas que estamos gestando, quem sabe como nossos corpos serão alterados e como isso irá moldar nossa psique. Ainda é algo que mal começamos a entender.

Por fim, remeto aos impactos práticos desse diálogo na clínica. Ter a oportunidade de observar e trabalhar o corpo na clínica arquetípica é iluminador, pois nem todas as pessoas atualmente, nesse mundo de insônias, celulares e remédios para dormir, são capazes de recordar seus sonhos, ou tirar algum tempo para anotar e desenhar em uma folha de papel, sem um extenso trabalho anterior. Mas seus corpos estão sempre lá, dispostos a falar com quem se digne olhá-los com atenção, a demonstrar os dramas existenciais que carregam e encenam na maioria das vezes sem consciência, mas não sem marcas. Mobilizar o corpo e liberar as energias represadas muitas vezes leva justamente à constelação de arquétipos que guiarão a vida para novos caminhos, antes desconhecidos e impensados.

Também há que se considerar o impacto dos arquétipos na clínica corporal, e como seu surgimento leva a toda uma reconfiguração da energia da pessoa. Muitas vezes bloqueios crônicos sedem significativamente diante da conscientização de que se está desempenhando o papel do mártir na vida, ou quando se percebe o espírito combativo do guerreiro sempre atuante. Quando a energia de vida está tão baixa que até se mover e respirar parece um desafio, muitas vezes são os mitos e as histórias que parecem devolver alguma fagulha de vitalidade ao olhar.

Se no campo da teoria a aproximação das abordagens é espinhosa e difícil, na prática clínica tem se mostrado um processo muito salutar e completar no trato com as pessoas.



## COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

MIRANDA, Renato Nascimento. Os arquétipos e o corpo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 25º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2022. [ISBN – 978-65-89012-02-3]. Disponível em: <<https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia>>. Acesso em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

## REFERÊNCIAS

- DAMÁSIO, A. R. **E o Cérebro Criou o Homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011
- JUNG, C. G. **A Natureza da Psique**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011a.
- JUNG, C. G. **Aspectos do Drama Contemporâneo**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011b.
- JUNG, C. G. **Mysterium Coniunctionis /2**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011c.
- JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011d.
- JUNG, C. G. **Psicologia e Alquimia**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011e.
- JUNG, C. G. **Símbolos da Transformação**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011f.
- REICH, W. **A História do Desenvolvimento do Funcionalismo Orgonômico**. Curitiba: Centro Reichiano, 2014
- REICH, W. **O Éter, Deus e o Diabo**. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- SENNETT, R. **Carne e Pedra**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008

### **Renato Nascimento de Miranda / Brasília / DF / Brasil**

Psicólogo e Bacharel em Psicologia pela Universidade de Brasília/DF. Especialista em Psicologia Analítica Junguiana pelo IJEP/Facis – SP. Especialista em Psicologia Corporal pelo Centro Reichiano – PR. Formação em Psicologia Transpessoal pelo Instituto Humanitatis – Campinas/SP

**E-mail:** [renato.nmiranda@gmail.com](mailto:renato.nmiranda@gmail.com)